



N.º 73 — LISBOA, 2 DE JUNHO

2.º ANO 1904

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redação e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 15000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 25000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 8000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 15000 rs.
Cobrança pelo correio..... 3100 rs. | Estrangeiro, anno 52 numeros... 15000 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porem de comecar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

OS DOIS INFANTES



D. Henrique. — Olá, collega, então o que ha a proposito de Marrocos ?

Nós e a Bartet

— Vim no *Figaro*! exclamava o Carlos da Maia.

A semana passada, nós viemos no *Figaro* — e sabeis vós o que é vir no *Figaro*?

Vir no *Figaro* é conquistar o mais alto premio da celebridade..

Assim como ha homens, assim ha povos obscuros.— Nós eramos um d'elles. Não se falava em nós senão sob pretextos mercantis. Vinhamos é certo, uma ou outra vez, nos jornaes — mas onde? Nos boletins financeiros, que ninguem lê, entre as cotações do Ottomano e as do Mexico, debaixo d'esta rubrica niveladora — *Rentes étrangères*.

Não eramos mesmo em rigor uma nação: eramos um fundo. Não eramos um logar no planeta, uma civilisação, um paiz servido de capitães, systemas de viação, theatros, policia: eramos o 3 %.

De nós na realidade não se falava nos jornaes senão muito de fugida, nas secções sem interesse que se relegam para a ultima pagina e com o tedio que inspiram os valores sem premio. A palavra *Portugal* não se pronunciava mesmo em França senão nos barbeiros. Portugal andava lá fóra, na cabeça de toda a gente, sob a fórma de loção. Mais nada. Para nós designar, a imprensa de Paris não dizia Portugal: dizia — o *Portuguez*. «O Portuguez 3 % não passa da cêpa torta: 59, 65 — 59, 67.» Quando se occupavam um pouco mais de nós era para nos conferir o titulo de — «paiz de finanças avariadas.»

Certamente, Reillac fez-nos uma larga réclame; mas que horrivel réclame! Uma réclame de cartaz, uma réclame de parede, uma réclame charlatanesca e affrontosa de pilulas Pink e de emulsão Scott! Nas mãos de Reillac não fomos uma nação: fomos uma droga.

Em resumo, lá fóra não se dizia de nós uma palavra que nos fizesse entrar na civilisação. Em vão reconstruíamos Lisboa, rasgavamos a Avenida, fazíamos predios novos, tomavamos chá ás cinco horas e iamos a S. Carlos de casaca. Em vão! A

nossa sociedade renovada, os nossos brilhantes costumes, a nossa cultura, o nosso gosto escapavam á curiosidade universal, e nós continuavamos a ser para o universo indifferente aos nossos progressos — o 3 %.

O sr. Almada Negreiros por um lado, Xavier de Carvalho por outro procuravam introduzir aqui e ali na imprensa franceza uma ou outra noticia a nosso respeito. Em vão! As noticias saíam, muito sumidas e sovinas, entre annuncios da agua purgativa de Janos e réclames aos romances do sr. Pierre Mael, mas não saia mais nada.

Por seu turno, os estrangeiros que uma ou outra vez nos visitavam, sem deixar de apreciar aquillo a que nós chamamos «a nossa hospitalidade» e que é a hospitalidade do Avenida Palace, e fartamente gabando aquelles dias de vento e de chuva que costumamos incluir no numero das «belezas naturaes do nosso clima», não davam ao regressar aos seus paizes, nenhum signal de vida. Em vão percorríamos os jornaes lá de fóra. Nada! Dir-se-hia que se fazia entornado de nós a conspiração do silencio e que a Europa estava conluída para nos occultar ás vistas da civilisação.

Para que servira afinal um tão paciente esforço? Para que fizera o sr. Conceição Silva o seu predio da Avenida? Para que se puzera um letreiro no parque Eduardo VII? Para que se mandara fazer um fato novo ao sr. Antonio d'Azevedo — se nada d'isto devia servir, se tudo isto estava condemnado ao abandono e ao olvido?

Ultimamente nós tínhamos a impressão desconsoladora de que a nossa civilisação era um jantar, de que tinham de voltar para dentro — todos os pratos. Já mesmo pensavamos em sustar alguns novos melhoramentos em projecto. Tínhamos posto de parte a idéa de construir um palacio de justiça e um liceu. Ladrilhámos a Avenida até ao coreto, mas não fomos mais além. Para quê, se tudo tinha de ficar ignorado? As arvores do Campo Grande começavam a deixar crescer o cabelo.

N'isto — eis que tudo se muda e o *Figaro* fala de nós e nós vimos no *Figaro*!

E' o caso que madame Bartet faz publicar na grande folha parisiense

uma opulenta *interview* em que ao abrigo da forte auctoridade d'aquella eminente actriz franceza, nós apparecemos aos olhos do mundo sob os aspectos mais attrahentes e risinhos — como civilisação, como intellectualidade, como cultura, como gosto e — bemdito Deus — como clima!

Não foi preciso muito. Bastou apenas que uma mulher se decidisse a fazel o, para que tudo isto se fizesse e que nós, a uma vibração da sua palavra harmoniosa, saíssemos da nossa obscuridade funesta e entrássemos orgulhosamente na luz e no ruído da civilisação.

Pela primeira vez emfim somos apresentados ao mundo sob uma fórma menos antipathica do que a do 3 %.

JOÃO RIMANSO.



Tudo caro

Acaba de perguntar
O prior dos Oliveas,
Para onde deve appelar
O que não pôde aturar
A fome, por ser demais.

— Para as Cozinhos Modernas
Onde ha baratos conchegos
Que dão muita força ás pernas
Ou então para as tabernas
De bembazejos gallegos.

Se alguém diz: — comi carninha
De carneiro, vacca ou corça,
Logo quem quæ adivinha
Que á tal creaturinha
E' fidalgote, por força.

A carne da Beira Alta
E' melhor do que os atuns;
Mas isso não sobressalta,
E não pôde fazer falta
Quando o tempo é de jejuns!

O peixe, que foi barato
E para a pobreza bom,
Só para o rico faz prato
E até carapau do gato
Comem senhoras do tom!

Comprar peixe é mau serviço;
Quem o compra desatina,
Chega a perder o touço!...
Paga... e atura em cima d'isso
A má lingua da ovarina!

Mas, quando a gente repara
N'esta carestia ousada,
Diz com paciência rara:
Tambem a palha está cara...
E as bestas não dizem nada!

Soframos, povinho meu,
Quem soffre culpas expia;
E todos as têm (creio eu)
Feliz de quem vae p'ra o céu
Com a barriga vazia!



Casas velhas

e casas novas

As *Novidades* protestam contra o facto de se fazerem hoje predios que são para quem os compra, verdadeiras cadeias de latão. Os predios antigos eram mãos, mas eram predios; os de hoje são gaiolas de grillos. E as *Novidades* insurgem-se em nome dos proprietarios.

Nós pedimos licença para incluir no numero das victimas d'este logro — os inquilinos.

Como se sabe, depois que se começou a construir casas novas, toda a gente em Lisboa quiz casas novas.

Qual foi o prestigio da casa nova? Foi mais uma vez o culto das apparencias e foi tambem, como as *Novidades* muito bem assignalam — o autoclysmo.

Não podemos verificar se o autoclysmo é de velha data nos usos domesticos dos povos. Em Portugal, pelo menos, é moderno, como o habito de tomar chá ás cinco horas e o costume das senhoras sahirem sossinhas á rua; mas, mal veio, toda a gente o quiz. Assim como hoje em dia todas as senhoras saem sós á rua, para o que se fez já um regulamento de policia; affim dos homens não se metterem com ellas, assim como toda a gente toma chá ás cinco horas, em riscos de perder a vontade ao jantar — assim toda a gente quer autoclysmo.

Vae-se vêr uma casa e não se verifica se ella é um cortiço, se os seus quartos são verdadeiros cochixos, e se ha pelo menos um banco de parede livre de portas, onde se possa chocotar uma cadeira, mas... se tem autoclysmo.

Se tem autoclysmo a casa serve. O autoclysmo fumaobrece.

O autoclysmo é uma pequena caixa de madeira, onde se accumula uma porção d'agua que, graças a um engenhoso deslocamento de pesos, invade com presteza e purifica com esmero aquelle logar domestico cujo nome os bons costumes nos cohibem de designar com precisão.

Pois bem! Esta simples caixinha de madeira, cheia d'agua e collocada por cima das nossas cabeças, nas occasiões já se vê, em que se encontra n'esta situação relativamente a nós, fez o principal attractivo da casa nova. Um repucho d'agua verdadeira em casa, mesmo derivando no sentido a que nos vimos referindo, teve um tão grande exito no espirito do publico, como a chuva verdadeira do *Homem das Mangas*.

Mas em troca d'este melhoramento e d'este recreio, quantos males não teve de soffrer o habitante da casa nova!

Queixam-se as *Novidades* de que

ellas são mal construidas. A casa nova não supporta um prego. Prega-se um cabide, pendura-se um casaco. De noite, ouve-se um estrondo. O que foi? Foi o cabide que cahiu. Pendura-se um quadro sobre um soffá. Vem uma visita, senta-se no soffá. Subito, ouve-se um grito, mas é tarde: o quadro já tem cahido — e é um lucto de familia.

A casa nova é estucada. Oh! admiraveis estuques! Não são estuques: são *charlottes russes*, mas um dia estamos na cama a bocejar e cae-nos um pedaço de estuque da bocca; outro dia, estamos á meza, e cae-nos um florão inteiro no prato.

De verão ainda a coisa vae bem. Mas de inverno! De inverno a casa nova amollece. Pode-se tomar as paredes ás colheres.

A casa nova não é de pedra, não é de cal, não é de areia. E' de farinha de trigo.

Já se vê, hygienicas.

O pensamento de fazer hygiene presidiu ás novas construcções. Ar! muito ar! Affim de que haja muito ar, as janellas da casa nova empenam e não fecham. Chove? Entra a chuva dentro. Não é uma casa: é o mar alto.

Além de hygienicas, commodas e praticas. — Quantas casas tem? pergunta-se. — Tem dez casas, responde sollicito o senhorio. Vae-se a vêr: não são dez casas — é uma partida de damas.

As *Novidades* dizem que as modernas construcções são um logro.

As casas novas são uma falsificação.

Para em tudo em Portugal sermos victimas das fraudes da especulação, não tendo já um hom pão que nos alimente, não temos sequer um bom domicilio que nos alloje.

Tudo no nosso tempo parece inquinado de mentira — até o tecto que nos cobre, até o chão que pisamos.



A cabeça do mundo

No congresso-maritimo, o sr. Almeida d'Eça, alludindo entusiasticamente á França, chamou-lhe — a cabeça do mundo.

Ouvindo estas palavras, o sr. Mendonça e Costa, que assistia á sessão, teve logo esta replica:

— A cabeça do mundo é a França e é... o França Borges



Aos senhores fumadores

Travou-se azeda questão entre duas marcas de charutos.

Não se sabe ainda qual das duas levará para o seu tabaco.

(ENTRE PARENTHESIS)

Protestando contra a apprehensão do *Mundo*, a imprensa dirigiu a este jornal as expressões da sua solidariedade.

Optimo!

Somente — vejamos. O que é que succedeu ao *Mundo*?

Morreu-lhe alguma pessoa de familia? foi colhido pelo electrico? des-carrilou na linha de Cascaes? partiu alguma perna ou está gravemente enfermo e em perigo de vida?

Se assim foi, as expressões de cordialidade dos jornaes são perfeitamente cabidas. E' nos maus momentos que se conhecem os amigos e os camaradas. Mas se assim não foi e o que succedeu ao *Mundo* é uma violação do direito de publicidade que affecta não só este jornal, mas a propria liberdade de imprensa, as manifestações dos jornaes que lhe deram o seu pezame não tem o menor senso-commum, a não ser que as expliquemos por um incomparável espirito de conformidade e de bonhomia.

A imprensa é — diz-se — uma força, mas temos notado que o é muito mais para os outros do que para ella.

A imprensa é o sustentaculo dos systemas, levanta e faz cair principios, faz e desfaz reputações, promove a ordem, atea as revoluções, coopera com os governos e quando o quer derruba-os, está de sentinella á liberdade dos outros, vela pela propriedade alheia. E' o guerrilheiro, o soldado, é o guarda nocturno, é a policia.

Tem uma immensa força.

Pois bem! Tendo esta força immensa, a imprensa não tem simplesmente força para conquistar as liberdades de que precisa.

O *Mundo* foi apprehendido. Amanhã sel-o-hemos nós, será outro, e tudo quanto temos a esperar da nossa formidavel força commum são — alguns bilhetes de visita.



Sonho lyrlico

Eu sonhei que abraçava a minha amante
Por sobre as praias do formoso Tejo...
Que ouvia ao longe os sons d'um realejo,
Que obrigava a dançar mono galante.

E eu, todo entusiasmado, delirante,
Dando aos labios dulcissimo manejo,
Ao som da brisa prolongava o beijo,
Que se ouvia na Moita... ou mais distante.

Aquella doce lida não me estafa...
Cada vez mais a minha bocca sfoita
Na tal pesca de beijos, sem tarrafa!

Melhor sonho ninguém o abiscoita:
Sonhei que tinha á bocca uma garrafa,
Depois das eleições feitas na Moita!

OS CONGRESSOS



— Meus senhores! Esta aberta a sessão.

A civilisação e os garfos

Averiguam-se coisas engenhosíssimas.

Um viajante francez acaba de descobrir que o grão de civilisação dos povos se denuncia pelos garfos.

O garfo, diz elle, é o indicio mais seguro do grão de adiantamento das nações. Os selvagens tomam os seus alimentos com uma unica ponta de ferro ou de madeira; nos povos do Norte, o garfo tem duas pontas; na Inglaterra tem três, em França, quatro. O garfo constituído de quatro dentes significa a civilisação no seu auge.

Se isso é assim, nós somos uma civilisação no seu auge, porque somos inquestionavelmente o paiz dos *bons garfos*.

A meza do orçamento, por exemplo, estão garfos de primeira ordem — com quatro dentes e muito mais.

Em summa, no ponto de vista garfo, somos uma civilisação de tal ordem que os nossos garfos quando já não tem dentes, poem dentes — postichos.



Um dito de Gambetta

O correspondente do *Primeiro de Janeiro* em Lisboa diz que Gambetta thamara ao exercito «o grande silencioso.»

Não sabiamos.

De todos os modos, se Gambetta o disse, não disse grande coisa. — Pelo menos em França e no seculo XIX, o exercito fallou e fallou pelos cotovellos.



A legalidade

Referindo-se aos ultimos atropellos contra a liberdade de imprensa escreve um dos nossos collegas: «Como liberaes que somos e amantes da legalidade...»

Aqui está porque a legalidade está tão por baixo. — Não tem senão amantia!



Decadencia e agua

O dr. Sabino Coelho revelou na Sociedade de Sciencias Medicas que a principal causa da nossa decadencia é a falta de hygie e das mulheres.

Pois senhores, tem bom remedio: agua!

Principios

O sr. Bernardino Machado disse na sua conferencia de Coimbra: «Eleger, ou não eleger, eis o problema politico».

Perfeitamente. Até hoje no entanto, o problema politico tem sido este: «Ser ou não ser eleito».

Disse mais: «Eleição e liberdade são irmãs. São, mas andam sempre ás bulhas.»

Disse mais: «As nações mais liberaes, são as que mais professam o principio da eleição. A Inglaterra leva-o até ás colonias.»

Nós tambem. Nas colonias como na metropole, reina indestructivelmente o carneiro com batatas.

«O que pretendemos economicamente?» perguntou sua ex.^a Comer!
«O que pretendemos politicamente?» perguntou tambem. Ser comidos.



Emigração

Só no mez de março e só do districto de Vizeu emigraram para o Brazil 423 individuos. D'estes, apenas 167 sabiam ler. Os outros vão pela mão.



A lingua scientifica

Na ultima reunião da Sociedade de Sciencias Medicas foi reclamado que se proclamasse o uso de uma lingua unica para o commercio scientifico.

Mas já existe! — E' a chamada lingua de trapos.



Uma tomboia

O Japão está positivamente decidido a dar á Europa não só lições de humanidade, mas de bizzarria.

Agora diz-se que o general japonéz Kuroki tem feito presentes no valor de cinco libras aos prisioneiros russos da batalha do Yalu.

Não é uma guerra: é uma tomboia. Cae-se em poder do inimigo e o maior risco que se corre, é o de apanhar uma machina de costura.

De borla

Emquanto Rosas & Brazão lá andam pelas provincias colhendo loiros, um publico fiel e apaixonado continua a encher todas as noites a sala do D. Amélia, d'onde a companhia de zarzuela não parece desposta a despegar.

No Colyseu, a Galvany veio definitivamente galvanisar a temporada.

O Pinto do Gymnasio retirou-se definitivamente ao... Supremo Tribunal.

Foi um empresario activo e um homem immensamente sympathico. Dirigiu negocios de theatro durante 35 annos. Esteve vinte e tres no Gymnasio, Tem setenta de idade.

Durante este longo periodo de tempo usou sempre o mesmo chapéu de aba larga e nunca usou bengala.



Foi um conservador. Conheceu a idade d'ouro do theatro portuguez. Foi contemporaneo do Tasso, da Emilia das Neves, da Le-tranblon e do Taborda, moço. E' um antepassado.



A guerra

Escreve um jornal que o general Kuropkin appareceu «nas trazeiras dos japonezes». Não é um general: é um furunculo.

Por outro lado, um telegramma de S. Petersburgo assegura que o mesmo general marcha na peninsula de Liao Yang «para attacar os japonezes pela rectaguarda».

Não sabemos como isto se chama, mas affigura-se-nos que é um attentado ao direito das gentes.

Dontabilidade e crime

Não se praticou um crime em Almada.

Pois bem! Os jornaes deram noticia do crime, e para que nada faltasse tiveram a visita do criminoso.

Simplesmente, o que succedeu foi que d'esta vez o criminoso recusou-se a ter praticado o crime.

Embaraço dos jornaes. Finalmente, em um d'elles resolveu-se a questão assim:

— Não importa! E' um adiantamento... Fica a noticia feita para a outra vez!...

O presumido criminoso passou recibo:

Recebido por conta do crime de Almada

O presumido autor.

Quando o crime se praticar — desconta-se.



A um papagaio que fala

pelea cotovellos

Quando te oíço falar, meu papagaio, Chego a pensar que tens entendimento!... Escutas tudo com ouvido attento E para egualar sons fazes ensaio.

Dizes-me adeus quando entro e quando saio, Conversas co'a vizinha, como o Bento, Chego a crer que, se vaes ao parlamento, Encovarás muito orador garraio.

Affirmam que não pensas o que dizes Em teu continuo farfalhar a esmo, Delicia de macrobios e petizes...

Porém tornado eu seja em um torresmo, Se não ha deputados aprendizes Que matam a falar, pensando o mesmo!



Uma aventura em Lisboa

A actriz Bartet contou em Paris a um redactor do *Figaro*, a seguinte aventura succedida em Lisboa ao actor Duflos.

Tendo sido convidado para ir ao Paço cumprimentar o rei e a rainha — foi assim que a Bartet contou — o actor Duflos equivocou se e em vez de se fazer conduzir ás Necessidades, onde o esperavam, fez-se conduzir á Ajuda, onde se encontrou com outra rainha que não era aquella que se propunha visitar.

Assim referida ao mundo esta aventura succedida em Lisboa ao actor Duflos, o que fica pensando o mundo?

Que em Lisboa não se pôde a gente enganar de porta, sem dar de cara com uma rainha.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezos

VERÃO DE 1904

Serviço de banhos e aguas thermaes. Viagens de ida e volta por preços reduzidos. Bilhetes validos por 2 mezes com facilidade de ampliação de prazo. Thermas: Cacos, Caidaa da Rainha e Unhaes da Serra (Tertozens e Covilhã). Praas: de Foz de Arouro, Espinho, Granja, Porto, Foz do Douro, Mattosinhos Leza da Palmeira, Nazare, S. Martinho e Figueira da Foz. Desde 1 de junho e ate 15 de Outubro de 1904, esta Companhia terá a venda

bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos por dois mezes, das suas principais estações para as que servem as localidades acima designadas.

As portadoras d'estes bilhetes é concedida a facilidade de extensão, extensão, ampliação de prazo, etc. Para mais esclarecimentos vêr os cartazes affixados nos sitios de costame. Lisboa, 17 de maio de 1904. O D. G. da Companhia Ghapecy.



Taboletas
Em todos os generos
Francisco Santos
R. Gremio Luzitano
Luzitano, 43

ORTHOPEDIA
CASA ESPECIAL DE FUNDAS
e aparelhos orthopédicos
DE MANOEL MARTINS
FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
154, Rua da Magdalena, 154-A
(Antiga CALÇADA DO CALDAS, PROXIMO AO LARGO DE SANTA JUSTA) LISBOA



Gapa da PARODIA—COMEDIA PORTUGUEZA
Para encadernação do 1.º volume. Preço **700 réis.**
O 1.º volume encadernado com a capa especial **2\$500 rs.**
Pedidos á Rua do Gremio Luzitano, 66



Ourivesaria e Relojoaria
JOIAS COM brilhantes
FLORINDO
PREÇOS Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99



JOSE CLEMENTE
FATOS em Paletot de 4\$500 a 25\$000
FATOS em Frak de 12\$000 a 32\$000
FATOS em Sobrecasaca de 16\$500 a 35\$000
FATOS em Casaca de 20\$000 a 36\$000
na Casa das theouras
51—Rua da Escola Polytechnica—55

Goarmon & C.º
Mosaicos Hydraulicos e Ceramicos.
Azulejos em Faiança e Cartão.
Tijollos em Cimento.
Telha e Escamas vidradas.
Quadros e ornatos para Chalets.
21—T. do Corpo Santo—Lisboa
Catalogos sob requisição

Callista
pedicuro
ARONIMO FERNANDES
Empregado da casa Ornellas
R. SANTA PIETRA, 48, 1.º
Frente para o Chiado.
EXTRACÇÃO de callos e Esecuçãõ de unhas pelos meios modernos e processos até hoje conhecido.
Pede-se ao publico que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam. Das 9 ás 5 da tarde

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL
Gaston Piel
Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

JOIAS
ANTIGAS ou modernas, ouro, prata, cautellas do Mo. de Pio. Geral, compra-se rua do Ouro, 250.

SALAO MOZART
MONTEJOSEA
PIANOS
ORGÃO
Instrumentos musicos
RUA IVENS 52, 54
LISBOA

GUERRA JUNQUEIRO EM PARIS



O DOUTOR FAUSTO